

Atividades físicas egípcias antigas: jogos, treinamento militar e a força real

Cintia Alfieri Gama-Rolland*

GAMA-ROLLAND, C.A. Atividades físicas egípcias antigas: jogos, treinamento militar e a força real. R. Museu Arq. Etn., 29: 7-19, 2017.

Resumo: Por meio da iconografia, dos documentos escritos e dos vestígios arqueológicos, este artigo apresenta o que conhecemos acerca da prática de atividades físicas no Egito Antigo. Tendo em vista o amplo material pesquisado, trataremos da questão da existência (ou não) do conceito de esporte para os egípcios antigos, bem como abordaremos as modalidades de atividades físicas conhecidas para essa civilização, entre elas corrida, lutas, práticas de atividades com bolas, pugilato, esgrima e equitação. Assim, pretendemos apresentar o que se tem estudado sobre essa questão, evidenciando as dificuldades interpretativas associadas à noção de esporte no Egito Antigo.

Palavras-chaves: Jogos; Esporte; Egito Antigo; Bolas; Treinamento militar.

Introdução

Este artigo é oriundo de uma apresentação no ciclo de debates sobre os jogos na antiguidade, ocorrida em 2016. A conferência chamava-se “As Práticas Esportivas no Egito Antigo” e seu objetivo era discutir a existência (ou não) do conceito de esporte e de jogos no Egito Antigo e tratar das práticas “esportivas” e seus possíveis significados para essa civilização.

Primeiramente, temos que notar que nossa sociedade possui definições claras no que se refere ao termo esporte, como sendo, de acordo com o dicionário Houaiss (2009), uma “prática metódica, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade

que demande exercício físico e destreza, com fins de recreação e/ou de manutenção do condicionamento corporal e da saúde” ou ainda “cada uma ou o conjunto dessas atividades”, que requerem destreza física, com observância de regras específicas (corrida, futebol, hipismo, natação, tênis etc.) e também “atividade lúdica ou amadora; *hobby*, passatempo”.

Nossa sociedade também define o termo jogo, que por sinal possui uma conceituação muito mais vasta do que a palavra esporte. Mais uma vez, de acordo com o dicionário Houaiss (2009), temos como primeira definição de jogo uma “atividade cuja natureza ou finalidade é a diversão, o entretenimento”. Se nossa sociedade possui mais de vinte e sete definições para o termo jogo e seis para a palavra esporte, os egípcios antigos, não possuem nenhuma palavra referindo-se aos dois vocábulos mencionados; esses conceitos parecem ser inexistentes para esse

*Pesquisadora associada da École Pratique des Hautes Études (EPHE), coordenadora e professora no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e pós-doutoranda pelo Museu Nacional. <gamacintia@hotmail.com>

povo (Tyldesley 2007: 8). Entretanto, mesmo se a palavra não existisse, não podemos afirmar que esse povo não possuía práticas esportivas e jogos, pois no registro arqueológico encontram-se cenas de atividades físicas e objetos relacionados com essas atividades (Kanawati & Woods 2010).

Pelo que se conhece das fontes textuais egípcias antigas, não há relatos de competições esportivas ou, ainda, de grandes vencedores heroicos tratados como atletas individuais, com exceção do rei; se há registros de uma vitória e de uma pessoa louvada pela sua força física ou pela atividade física executada, isso se refere única e exclusivamente ao faraó, o que veremos mais adiante, já que uma das prerrogativas do poder real é a representação de sua força e invencibilidade. Arqueologicamente falando, não foi encontrada nenhuma estrutura esportiva do período faraônico, as únicas estruturas datam da ocupação grega (Tyldesley 2007: 8-9).

Vale lembrar que o estudo das atividades físicas, esportes e jogos – com exceção dos jogos de tabuleiro que são bastante conhecidos, tais como o *senet*, o *mehen*, o *men*, o dos chacais e cachorros e o das vinte e uma casas (Tyldesley 2007: 10-19) – não foi muito desenvolvido pela egiptologia e o campo continua em aberto para estudo.

As principais fontes usadas para estudarmos o que pode ser considerado como atividades físicas egípcias antigas são datadas de três períodos da história desse povo e são, em sua maioria, provenientes de decorações parietais: Antigo Império (2649-2152 a.C.), com as representações nas Mastabas de Ptahhotep e Mereruka, em Saqqarah; Médio Império (2040-1640 a.C.), com as representações parietais nas tumbas de Beni Hassan (Kanawati & Woods 2010); e Novo Império (1550-1070 a.C.), com a decoração parietal das tumbas dos particulares.

Ainda devemos salientar que precisamos sempre ter em mente em que medida as representações funerárias seriam coerentes com a ação prática da sociedade dos vivos, já que as representações estudadas estão em contexto funerário ou mesmo templário, como é o caso de Esna e Edfu. Temos também que questionar, enquanto pesquisadores, se

essas representações – que são muito mais abundantes nas mastabas do Médio Império, com algumas fontes sobre o domínio da realeza do Novo Império e as representações reais e religiosas nos templos do período ptolomaico – podem ser usadas para se tentar compreender as práticas esportivas de toda a história egípcia, já que há um grande vácuo nas fontes conhecidas.

Assim, este artigo pretende ser uma breve síntese sobre a questão e apresentar o que conhecemos atualmente sobre esse tema tão vasto.

Jogos com bola, acrobacias e dança

Uma das atividades mais recorrentes no registro arqueológico são aquelas com bolas. A tumba de Baqet III, em Beni Hassan, datada do Médio Império, mais precisamente da XI dinastia, apresenta, em sua parede norte no terceiro registro, uma série de representações de mulheres com bolas (Kanawati & Woods 2010: 42-43, fig. 54-55). Essas atividades são assistidas por Baqet III e sua filha, que aparecem na seção esquerda dessa parede, muito provavelmente essas atividades com bolas seriam ligadas ao que hoje chamariamos de malabarismo. A sepultura de Khety, filho de Baqet III, também do Médio Império, apresenta representações semelhantes às do seu pai, com mulheres malabaristas na parede norte (Kanawati & Woods 2010: 49-50, fig. 60-62).

Se as cenas parietais mostram mulheres fazendo malabarismo com bolas ou jogando bolas umas para as outras, diversas bolas conservadas foram encontradas mostrando que a prática era efetiva. As bolas egípcias eram sólidas, feitas de esferas de madeira ou lama, recobertas com couro ou linho costurado, podendo também ter recheio de cevada, trapos, grama seca cortada e restos de papiro, bem como serem recobertas com folhas de palmeira trançadas ou papiro trançado; tendo, em geral, um diâmetro de 3 a 9 cm, sendo bastante pesadas em comparação às atuais (Tyldesley 2007: 20). As bolas mais bem conservadas são: a bola de fibra de papiro trançada do Museu do Cairo (JE 68150) e a bola costurada do Manchester Museum (n. 96).

A atividade mais comum executada com bolas parece ter sido o ato de lançá-las para que outra pessoa as pegasse, além disso, essa atividade parece ter sido exclusivamente feminina (Tyldesley 2007: 21). Ainda que o ato de lançar e pegar bolas pareça algo simples, as egípcias possuíam diversas possibilidades para esse lançamento, mesmo as mais acrobáticas, tais como a representada na tumba de

Baqet III, em que uma mulher está sobre outra reclinada (Fig. 1). A atividade masculina com bolas parece ter sido um jogo que incluía lançamento e rebatida usando tacos, jogo cujas regras infelizmente não conhecemos, mas podemos encontrar os tacos no registro arqueológico, tal como o encontrado por Flinders Petrie em Kahun - Manchester Museum (n. 86).



Fig. 1. Mulheres jogando bola.

Fonte: Tyldesley (2007: 21, fotografia de Angela Thomas).

Se homens possuem um jogo de bola e bastão, num contexto menos profano tanto a literatura quanto a arqueologia nos mostram a existência de um ritual executado pelo faraó conhecido como o ritual de bater na bola. Mesmo que as evidências de execução dessa atividade apareçam apenas no Novo Império, no reinado de Thutmés III, textualmente ela já era citada nos *Textos das pirâmides, spell 254*, o que denota que sua origem deveria ser do Antigo Império. Nesse ritual, descrito e registrado nas paredes dos templos, o rei deve bater numa bola

lançada com um bastão, diante de Hathor, Mut, Tefnut ou Sekhmet, com o objetivo de destruir o olho mau da serpente Apófis.

Além do uso de bolas, há atividades bastante desconcertantes, que para nossa sociedade mais pareceriam jogos infantis, mas que nas representações parietais egípcias são praticadas por adultos, tais como o jogo do rodopio (Fig. 2), jogo do bastão e do aro (Fig. 3), jogo do bastão (Fig. 4) e um jogo não determinado em que pessoas batem nas costas de outras pessoas (Fig. 5).



Fig. 2. Jogo do Rodopio, tumba de Baqet III, parede norte.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 58).



Fig. 3. Jogo do bastão e do aro, tumba de Khety, parede sul.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 66).



Fig. 4. Jogo do bastão, tumba de Baqet III, parede sul.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 59).



Fig. 5. Jogo indeterminado, tumba de Khety, parede sul.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 65).

Outra prática física bastante presente nas representações egípcias de atividades corporais é a dança ou algo como uma dança acrobática (Fig. 6) que parece ter sido executada tanto por

homens quanto por mulheres, sendo composta por piruetas, saltos e exercícios de grande dificuldade, que poderiam ser exibidos como um espetáculo.

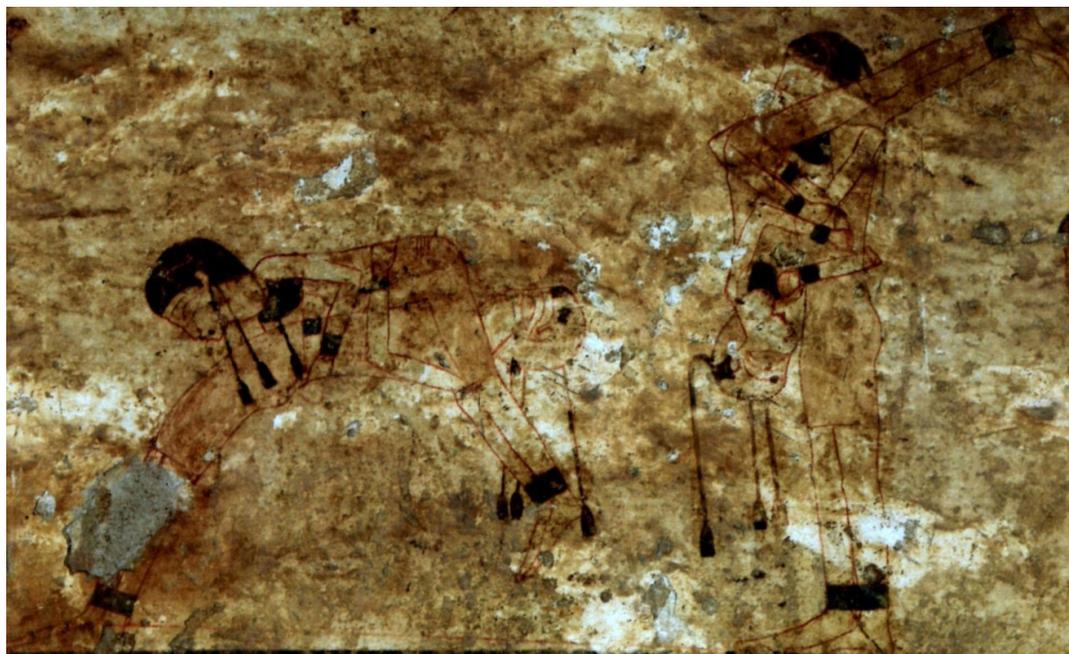


Fig. 6. Dança acrobática, tumba de Baqet III, parede norte.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 57).

Atletismo

As representações e textos referentes a atividades que hoje classificaríamos como atletismo, tais como corrida e salto, no que concerne ao Egito antigo, parecem ser uma das facetas da formação militar, assim como uma forma de demonstração do poder real.

A corrida parece ter sido um importante aspecto da formação militar. Os corredores percorriam o deserto para entregar mensagens e as cenas parietais de Amarna mostram corredores, como guarda-costas, ao lado dos carros reais. Se o registro dessa atividade como militar é frequente, como esporte não deixou nenhum traço arqueológico: o primeiro vestígio data da Baixa Época, no reinado de Taharqa, na estela de Daschour (685 a.C.), que narra

uma corrida do exército de Mênfis até o Fayum, de ida e volta pelo deserto, o equivalente a 105 km (Tyldesley 2007: 31-32). Essa corrida teria sido observada pelo rei e apresenta a primeira informação de entrega de prêmios pelo soberano aos vencedores, o vencedor teria feito a primeira parte da corrida em incríveis quatro horas, sendo que Decker (1993b: 62-66) calculou que a corrida inteira teria sido feita em onze horas.

A prática do salto também parece ter existido, mas não como competição. No conto do “Príncipe predestinado”, datado da XIX dinastia, entre os reinos de Séthy I e Ramsés II, aquele que desse o salto mais alto até a torre onde estaria a princesa ganharia a mão dela e o trono de Naharin. O salto aparentemente estava associado às danças acrobáticas mencionadas

anteriormente, bem como a um jogo infantil, conhecido nos países árabes atualmente como *khazza iawizza*, em que duas pessoas ficavam uma de frente para a outra com braços e pernas estendidas, e uma terceira deveria pular sobre os braços das primeira (Fig. 7).

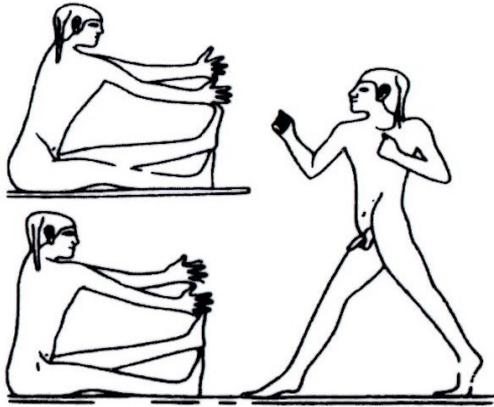


Fig. 7. Cena do jogo do pulo na tumba de Ptahhotep, Saqqarah.

Fonte: Decker (1993b: fig. 32).

A tumba de Baqet III, de Beni Hassan, mostra também em suas representações a prática do levantamento de peso, isto é, um grupo de homens segurando sacos que parecem pesados e fazendo o movimento para cima e para baixo. Entretanto o significado exato dessas cenas nos escapa.

Esportes aquáticos

Há poucos relatos acerca de esportes praticados no Nilo, mas a autobiografia de Kheti II, em Assiut, do I Período Intermediário, mostra que fazia parte da boa educação das crianças da elite aprenderem a nadar, e no próprio mito da “Grande Contenda” há uma competição de nado entre Hórus e Seth (Tyldesley 2007: 50). A natação, embora nunca tenham sido encontrados locais específicos para sua prática, parece ser algo bastante conhecido, pois a língua egípcia possui um determinativo para esse esporte (Fig. 8).

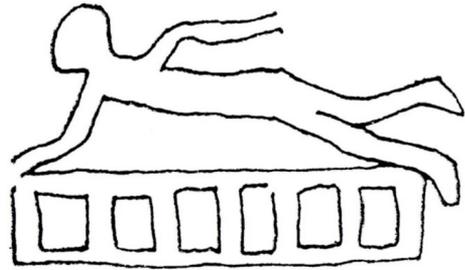


Fig. 8. Determinativo para natação

Ainda no domínio aquático, há diversas representações de pesca, bem como passeios de barcos, remo e combates náuticos. Essas disputas parecem ter sido bastante tradicionais e típicas dos pescadores, sendo compostas por duas equipes que se enfrentavam, cada uma com um barco de papiro com quatro ou seis integrantes; o grande objetivo era derrubar os adversários na água, e a equipe vencedora seria aquela que derrubasse todos os integrantes da equipe adversária na água (Decker 1993b: 99-103).

A pesca assim como o remo teriam sido atividades familiares. Relatos e imagens mostram essas práticas como momentos de diversão e distração nos canais do Nilo. A pesca como *hobby* era praticada com vara (Fig. 9) ou ainda com arpão, atividade que aparece associada à caça. Já a pesca como atividade profissional era praticada com redes de arrasto.



Fig. 9. Pesca com vara, tumba de Nebwenenef, XIX dinastia.

Fonte: Sahrhage (1998: fig. 37).

Artes marciais

As representações de luta são correntes no registro arqueológico egípcio, tanto como representações parietais encontradas nas mastabas do Médio Império de Beni Hassan quanto em modelos tridimensionais, tais como estatuetas de lutadores. Apenas em quatro sepulturas da necrópole de Beni Hassan há mais de duzentas representações de lutas.

A luta parece ter sido uma atividade lúdica que envolvia música e espectadores, contudo, as regras não nos parecem tão simples. Pelas imagens deixadas pelos egípcios antigos, podemos identificar diferentes tipos de combate: uma espécie de luta livre, com uso dos membros superiores e inferiores (Fig. 10-13); o boxe, com uso apenas dos membros superiores (Fig. 14); combate com espadas; e combate com bastões.



Fig. 10. Cena completa de luta, tumba 15 de Baqet III, Beni Hassan.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 39).

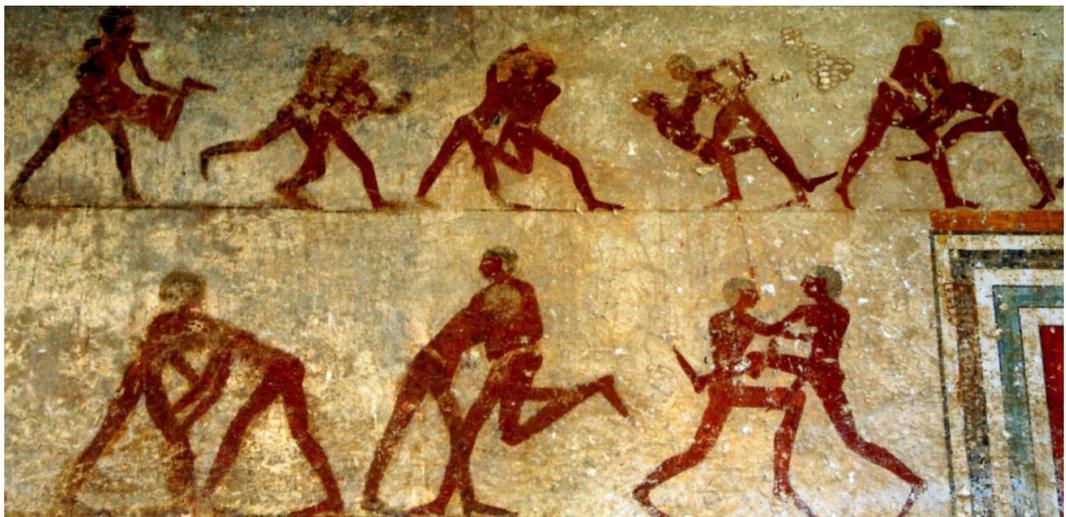


Fig. 11. Cena de luta, tumba de Amnemhat parede leste, Beni Hassan.
Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 75).



Fig. 12. Cena de luta, tumba de Khety parede leste, Beni Hassan.

Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 80).

Mesmo que as representações mais comuns mostrem uma luta livre, parece que um estilo com posições de guarda e uso apenas dos membros superiores, ainda que mais raro, tenha existido, algo como o

As representações de combate mostram sempre dois oponentes, e o mais comum é que poderiam ser usados tanto os membros superiores quanto inferiores e que o ataque pode ser a qualquer parte do corpo do inimigo, inclusive nas partes íntimas. Percebe-se que pela ação das pernas, têm-se um objetivo de derrubar o seu oponente (Fig. 11), mas não sabemos se essas lutas tinham um tempo determinado, ou como elas acabavam. Não se tem certeza se a luta deveria ir até a morte de algum dos combatentes ou se terminaria com uma espécie de *knockout*. Entretanto algumas representações (Fig. 13) mostram que os combatentes poderiam sair carregados.



Fig. 13. Cena de final luta, tumba de Khety parede sul, Beni Hassan.

Fonte: Kanawati & Woods (2010: fig. 63).

que hoje chamamos de boxe (Fig. 14). As representações desse tipo de combate são mais comuns no Novo Império, sendo que a luta com regras mais livres já aparece desde o Médio Império.

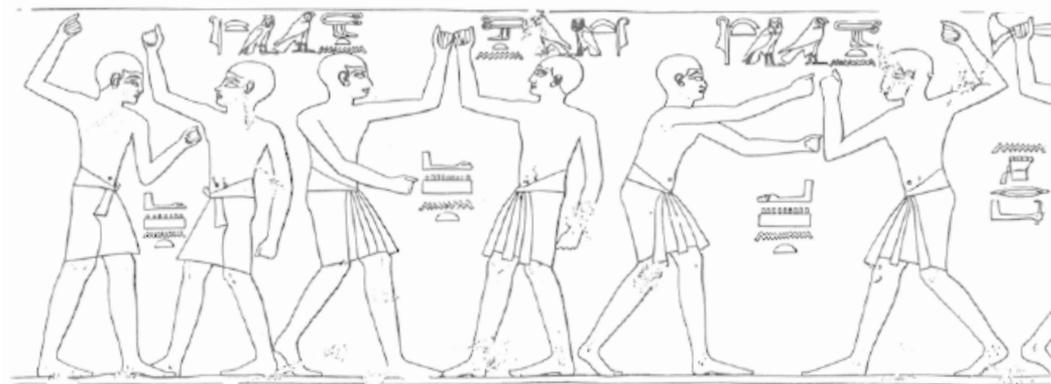


Fig. 14. Cena de combate com membros superiores, tumba de Kheruef, Tebas TT192.
Fonte: Decker (1993a: 459).

A caça

A atividade de caça parece ter sido algo bastante praticado no Egito Antigo. Os animais de pequeno porte eram caçados para a alimentação, tais como os peixes caçados com arpão ou as aves; por sinal esse tipo de atividade, de acordo com as representações encontradas nas mastabas, parece ter sido uma atividade familiar, em que homens, mulheres e crianças passeiam de barco pelos pântanos juntos. Entretanto, a caça de animais de grande porte, como hipopótamo, touro selvagem e leão, era uma atividade de prestígio praticada pelos homens, em particular pelo faraó (Tyldesley 2007: 35).

Aquele que conseguia matar um grande animal poderia absorver seus poderes. Além disso, aniquilar um ser selvagem seria uma ação análoga à destruição de *isefet* e, consecutivamente, a manutenção da *maât*, uma prerrogativa real. Assim, diversos reis utilizaram caçadas reais ou mesmo fictícias para confirmar suas capacidades físicas e espirituais enquanto governantes (Wit 1951).

Tento em vista que a caça é associada ao poder real, e que as representações de atividades reais possuem valores externos a simples representações de um ato verdadeiro, devemos questionar se as cenas de caça representadas pelos reis realmente aconteceram ou se não eram apenas uma representação do poder do

faraó. Para tanto, devemos lembrar que os governantes ptolomaicos se autorrepresentam caçando tartarugas, atividade que em si não representa perigo e que não parece ser algo que demonstre a força física do rei; mas não devemos esquecer que a tartaruga é uma das representações do deus Seth, o que faz com que esse animal e a representação de sua caça sejam a imagem da derrota do caos pela ordem. A tartaruga assim como a serpente e o órix representam o estranho, o caos e, portanto, associados ao deus Seth (Tyldesley 2007: 35). Os animais têm significados múltiplos na cultura egípcia antiga, e sua caça não pode ser tomada num único nível interpretativo (Vernus 2014), mas diversos significados estão associados a essa atividade, que muitas vezes ultrapassam nossa compreensão.

Acredita-se que o ato de caça seria inicialmente apenas um atributo real, já que a primeira imagem não real de caçadores é da V dinastia, na tumba de Niankhkhnun e Khnumhotep, em Saqqarah, sendo uma cena de pesca e caça de aves. A primeira cena conhecida de caça de uma pessoa não pertencente à realeza, com arco e flecha, data do I Período Intermediário, da tumba de Ankhthifi, em Moalla.

Os caçadores egípcios do Novo Império puderam se beneficiar de duas invocações trazidas pelos Hicsos: os cavalos e os carros puxados por eles. Assim, inicia-se uma nova

técnica de caça, muito mais rápida e ao mesmo tempo perigosa: a caça ao avestruz entra em voga. Esse tipo de caça sobre rodas com arco e flecha parece ter agradado os reis, que descrevem e representam essas ações em diversos templos, tal como é descrito na estela de Thutmés III em Armant (Touny & Wenig 1969: 35-36) e na estela da esfinge de Amenhotep II (Lichteim 1976: 41-42).

Os egípcios antigos usavam diversas técnicas e instrumentos de caça, tal como redes, armadilhas, arpão, arco e flecha, maças de guerra e mesmo bumerangues. Cada equipamento era usado para a caça de animais específicos, por exemplo, o bumerangue era empregado para a caça de aves. Mas dentre os métodos de caça, o mais intrigante é o descrito por Heródoto para a caça ao crocodilo:

Eles colocavam uma isca no anzol, um lombo de porco, e a deixavam flutuar até o meio do rio. Ao mesmo tempo, nas margens, eles pegavam um porco vivo e batiam nele. O crocodilo, ouvindo os gritos, ia na direção do porco vivo, encontrando a isca, a engole e é arrastado fora da água. A primeira coisa feita pelo caçador era, assim que ele estava na terra, cobrir os olhos do crocodilo com lama. Isso feito, ele é despachado rapidamente, caso contrário, ele dá muito trabalho. (Heródoto 2016: 70)

A caça parece ter tido, além de uma função recreativa, um caráter associado a uma representação de certo grupo da sociedade egípcia, a elite.

A prática de esportes pela realeza e a saúde do Estado

Amenhotep II teria sido o rei mais atlético do Egito e aquele que mais louvava suas conquistas “esportivas”, tendo erigido uma estela em Giza, conhecida como a estela da esfinge, que comemora suas habilidades, tais como o manejo do arco e da flecha, a corrida e até a canoagem (Lichteim 1976: 41-42). Na verdade,

é muito importante para o governante enaltecer suas habilidades físicas, pois a saúde do faraó é um duplo representativo da saúde do Estado.

Esse padrão de associação das aptidões físicas do rei com seu vigor político e do país está presente desde ao menos o Antigo Império, momento em que os reis deviam realizar performances atléticas, tais como a corrida, diante de um público constituído pela elite egípcia, demonstrando assim suas habilidades para governar as duas terras. Esse tipo de ação é retratada na maça de guerra de Narmer, conservada no Ashmolean Museum (AN1890.1908.E.3631), datada do início do período dinástico. Outro documento que denota a importância desse ritual é a pedra de Palermo, datada do Antigo Império, que aborda o tema do “circuito das paredes”, que envolveria uma caminhada ou corrida em torno das paredes da capital, Mênfis (Tyldesley 2007: 29-30).

Mas o mais conhecido e perene é o ritual real do *heb sed*, primeiramente registrado em Ábidos na tumba do faraó Den da primeira dinastia. Essa cerimônia era feita, geralmente, no trigésimo ano de reinado de cada faraó e, depois, a cada três anos. Nesse festival, que é mais bem documentado no complexo funerário de Djoser da III dinastia, o rei devia fazer uma corrida contra um inimigo invisível, a idade avançada, e precisava mostrar suas habilidades para provar que ainda possuía vigor e força para administrar o país. Esse ritual servia como um meio de revigorar o rei e diversos governantes o realizavam em momentos que sentiam seu poder enfraquecido.

Como foi brevemente tratado no item sobre a caça, a forma física do rei estava associada com a manutenção da ordem da sociedade, pois era de sua responsabilidade garantir a segurança de seu povo contra os inimigos externos. Por extensão, esses inimigos e o caos inerente a eles eram associados aos animais selvagens e fazia parte do imaginário, principalmente do Novo Império, mostrar os reis como combatentes e grandes caçadores de animais considerados perigosos. Assim, mostrar-se como um governante que controlava as forças naturais era mais uma demonstração da vitória da ordem egípcia diante do caos externo.

Nota-se, inclusive, um possível exagero no elogio às vitórias dos faraós diante das feras. No Novo Império, diversos reis produzem escaravinhos comemorativos de grandes caçadas como propaganda real. Amenhotep III foi

um dos reis a fazer uso desse tipo de artifício, exaltando em um escaravinho a caça a dezenove touros selvagens (Fig. 16) e em outro escaravinho, a caça de cento e dez leões com seu arco, entre o primeiro e décimo ano de reinado (Fig. 15).



Fig. 15. Escaravinho comemorativo da caça de leões por Amenhotep III, XVIII dinastia, comemorando a caça de 110 leões com seu arco, entre o primeiro e o décimo ano de reinado.

Fonte: Metropolitan Museum (26.7.264).



Fig. 16. Escaravinho de Amenhotep III, comemorando a caça de dezenove touros selvagens no segundo ano de reinado, XVIII dinastia.

Fonte: Cleveland Museum.

Era esperado que um rei fosse um exímio arqueiro, conseguisse correr, conhecesse a equitação e o manejo do carro, a partir do Novo Império, bem como caçasse e ainda conseguisse remar. A única atividade que não parece ter feito parte do conjunto das aptidões requeridas ao rei era a luta. Não há representações de artes marciais associadas aos reis, e isso parece ter sido algo externo às esferas reais.

Não sabemos ao certo os significados das práticas que hoje conhecemos como esportivas, já que o próprio conceito de esporte enquanto vocábulo inexistente para essa civilização. Todavia, as práticas físicas existiram e eram frequentes, como os textos e a arqueologia podem mostrar.

A atividade física para os egípcios antigos parece estar relacionada tanto aos espetáculos como a um treino militar, no que concerne à luta, por exemplo; da mesma maneira, aspectos religiosos e alimentares permeiam a caça, assim como o poder do faraó e sua vitalidade em combater o caos inerente ao mundo selvagem. Assim, a atividade “esportiva” no Egito antigo teria ultrapassado os limites de uma ação física, permeando diversos níveis de compreensão, até o religioso, sendo uma representação do combate entre a ordem, *maât*, e o caos, *isefet*.

Notemos, por fim, que se a associação com o poder real, bem como com a religião, é evidente e tangível por meio dos textos e

representações parietais, não podemos deixar de notar que as fontes mais abundantes são provenientes desses contextos. Devemos, assim, nos manter vigilantes para que não se

perca nos estudos uma possível conotação profana e cotidiana que pode ter sido menos evidente, tanto nos registros textuais quanto no arqueológico.

GAMA-ROLLAND, C.A. Ancient Egyptian physical activities: games, military training and the royal force. *R. Museu Arq. Etn.*, 29: 7-19, 2017.

Abstract: This article presents what we know about the practice of physical activities in Ancient Egypt, using iconography, written documents and archaeological records. Considering the wide range of researched material, we will approach questions regarding the existence or not of the concept of sport for ancient Egyptians, as well as the modalities of physical activities known to this civilization, such as running, fighting, activities using balls, boxing, fencing, horseback riding, among others. Thus, we intend to present the current state of knowledge regarding this theme, evidencing the interpretive difficulties associated to the notion of sport in Ancient Egypt.

Keywords: Games; Sport; Ancient Egypt; Ball; Military training.

Referências bibliográficas

- Decker, W. 1993a. Le sport dans la décoration murale des tombes privées de l'Égypte pharaonique. In: École Française de Rome. *Spectacles sportifs et scéniques dans le monde étrusco-italique: actes de la table ronde de Rome (3-4 mai 1991)*. École Française de Rome, Rome, 443-462.
- Decker, W. 1993b. *Sports and games of ancient Egypt*. The American University in Cairo, Cairo.
- Heródoto. 2016. *Histórias – Livro 2 – Euterpe*. São Paulo: Edipro.
- Houaiss. 2009. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM].
- Kanawati, N.; Woods, A. 2010. *Beni Hassan: art and daily life in an Egyptian province*. Supreme Council of Antiquities, Cairo.
- Lichtheim, M. 1976. *Ancient Egyptian literature: the new kingdom*. University of California, Berkeley.
- Sahrhage, D. 1998. *Fischfang und Fischkult im alten Ägypten*. Philipp von Zabern, Mainz.
- Touny, A.D.; Wenig, S. 1969. *Sport in ancient Egypt*. Edition Leipzig, Leipzig.
- Tyldesley, J.A. 2007. *Egyptian games and sports*. Shire, Princes Risborough.
- Vernus, P. 2014. Les animaux: un matériau symbolique façonné par la pensée religieuse. In: Guichard, H. (Dir.). *Des animaux et des pharaons: le règne animal dans l'Égypte ancienne*. Somogy Editions d'Art, Paris, 224-229.
- Wit, C. 1951. *Le rôle et le sens du lion dans l'Égypte ancienne*. E.J. Brill, Leiden.